



REVISTA INTERDISCIPLINAR ENCONTRO DAS CIÊNCIAS  
V.2, N.2, 2019

---

## OS IMPACTOS DA NÃO VACINAÇÃO NA POPULAÇÃO BRASILEIRA

THE IMPACTS OF NON VACCINATION ON THE BRAZILIAN POPULATION

Ana Beatriz Ferreira Dantas<sup>1</sup> | Rayanne Angelim Matias<sup>2</sup> | Thalia Arrais de Araújo<sup>3</sup> | Georgy Xavier de Lima Souza<sup>4</sup> | Kerma Márcia de Freitas<sup>5</sup>

---

### RESUMO

A criação do Programa Nacional de Imunizações (PNI) garantiu a toda população brasileira a possibilidade da prevenção de inúmeras doenças, entretanto o atual cenário caracteriza-se por uma redução na população vacinada. Assim apresentamos nesse estudo uma análise dos dados da cobertura vacinal disponibilizados pelo DATASUS nos anos de 2017, 2018 e parcial de 2019, e a compreensão dos efeitos da não vacinação.

### PALAVRAS-CHAVE

Brasil. Consequências. Vacinação.

### ABSTRACT

The creation of the National Immunization Program (NIP) has ensured that the entire Brazilian population can prevent numerous diseases, but the current scenario is characterized by a reduction in the vaccinated population. Thus we present in this study an analysis of data on vaccine coverage provided by DATASUS in 2017, 2018 and partial 2019, and the understanding of the effects of non-vaccination.

### KEYWORDS

Brazil. Consequences. Vaccination.

### INTRODUÇÃO

Após 20 anos de pesquisas e análises com a varíola bovina, Edward Jenner em 1796, descobriu a primeira vacina, dando origem à expressão vaccine e vaccination (derivações do termo em latim “vacca”) (LEVI *et al.* 2002). Apesar da indubitável relevância na eliminação e controle de inúmeras doenças imunopreveníveis, as vacinas estão constantemente associadas a questionamentos e críticas acerca dos efeitos adversos, isso advém de acontecimentos fatídicos na indústria farmacêutica e pela disseminação de notícias inverídicas em redes sociais (MILLER *et al.*, 2015).

Segundo Zorzetto (2018), os movimentos antivacina ganharam força após a publicação de um trabalho do cirurgião Andrew Wakefield, em uma renomada revista da área médica, onde sugeria

que a tríplice viral (vacina que protege contra caxumba, sarampo e rubéola) estaria relacionada a casos de autismo. Posteriormente estudos refutaram a teoria de Wakefield, entretanto a disseminação foi tamanha que ressurgiram surtos de sarampo na Europa.

O Programa Nacional de Imunizações (PNI), criado em 1973, por determinação do Ministério da Saúde representou um progresso histórico para a saúde pública no Brasil. Atualmente, são disponibilizadas gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS) 19 vacinas indicadas pela OMS, beneficiando todo o intervalo etático e atingindo médias acima de 95% da cobertura do calendário de vacinação infantil (BRASIL, 2015).

Contudo, apesar do impacto na diminuição de ocorrências e óbitos pelas doenças imunopreveníveis, movimentos antivacinação estão cada vez mais frequentes e expressivos. Esses movimentos empregam táticas como adulteração e disseminação de informações falsas que, declarando embasamento científico, questionam a efetividade e seguridade de inúmeras vacinas (MORAES et al., 2018).

O movimento antivacinal e o atraso na utilização das vacinas inspiram atitudes que colocam em perigo não só a saúde do cidadão não vacinado, mas da coletividade. Epidemias de coqueluche, varicela e sarampo já estiveram relacionadas a esses comportamentos gerando sofrimento desnecessário e aumento de gastos públicos. Desinformação, informações insuficientes, crenças, informações pseudocientíficas, associação temporal com resultados adversos, escassez de compreensão da gravidade de epidemias anteriores, ausência de convicção nas organizações produtoras de vacinas, princípios religiosos e filosóficos podem ser consideradas causas dessas atitudes (MIZUTA et al., 2019).

Justifica-se esta pesquisa pela necessidade de analisar e expor dados acerca do recuo na cobertura do território vacinal e as consequências geradas por essa ação.

## **OBJETIVO**

Analisar a cobertura vacinal das regiões brasileiras e compreender os efeitos da não vacinação.

## **METODOLOGIA**

Realizou-se uma pesquisa exploratória e descritiva de abordagem quantitativa, onde foram utilizados dados secundários oriundos do DATASUS sobre as coberturas vacinais segundo região no período de 2017 e 2018, e dados parciais de 2019. A coleta de dados se deu entre os dias 04 a 09 de

maio de 2019. Também foi realizada uma revisão bibliográfica, a fim de consolidar os dados encontrados com a literatura disponível. A pesquisa bibliográfica objetiva identificar princípios norteadores através de trabalhos científicos que abordem sobre o tema em questão, dessa forma, é possível chegar a uma conclusão dos dados encontrados (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010). Já a pesquisa exploratória, tem por objetivo, aproximar o pesquisador do tema pesquisado, aproximando-o de determinados fatos (GIL, 2008).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

**Tabela 1:** Coberturas Vacinais segundo região no período de 2017 - 2018

Região	Cobertura Vacinal 2017	Cobertura Vacinal 2018
Total	69,04	70,95
Região Norte	64,34	65,45
Região Nordeste	64,89	67,75
Região Sudeste	70,01	71,18
Região Sul	75,37	78,97
Região Centro-Oeste	74,58	74,71

**Fonte:** Adaptado de DATASUS (2017, 2018)

De acordo com a tabela 1, as regiões onde a cobertura vacinal do país é mais prevalente nos anos de 2017 e 2018 é a região sul e centro-oeste, o que revela o comprometimento dos estados presentes nessas regiões na erradicação de doenças antigamente endêmicas no país.

As regiões com menor índice de cobertura vacinal são a norte e nordeste, o que é um reflexo das condições socioeconômicas desses estados e do insucesso nas campanhas de vacinação.

**Tabela 2:** Coberturas Vacinais segundo região no período de 2019

Região	Calendário Vacinal 2019
Total	56,84
Região Norte	53,39
Região Nordeste	50,41
Região Sudeste	53,27
Região Sul	78,16
Região Centro-Oeste	65,01

**Fonte:** Adaptado de DATASUS (2019)

Segundo a tabela 2, no ano de 2019 até o momento presente, as regiões com maior número de cobertura vacinal permaneceu sendo o sul e Centro-Oeste, e os menores índices até agora ficou a cargo do Nordeste, que apresentou uma diminuição na cobertura vacinal de 17,34%, e Sudeste, com a diminuição de 17,91%, em relação ao ano de 2018. Percebe-se que a cobertura vacinal vem apresentando uma queda nessa parcial do ano de 2019, em relação ao ano de 2017 e 2018.

A não vacinação coloca em risco não só a saúde do indivíduo que opta por não se vacinar, mas de todas as pessoas ao seu redor. Vacinas como a DTP e a tríplice viral vêm sendo abandonadas, e por isso os surtos de sarampo, coqueluche e varicela estão cada vez mais frequentes causando problemas evitáveis e aumentando os gastos do governo (MIZUTA et al., 2018).

Uma das principais consequências da não vacinação é o reaparecimento de doenças anteriormente erradicadas, como o sarampo, a coqueluche e a poliomielite. Isso acontece pelo fato de que as informações sobre riscos e benefícios da vacina são pouco propagadas e não alcançam de forma eficiente a população. No caso de algumas regiões, a vacina é muito mais que um benefício, é uma necessidade (APS et al., 2018).

A vacina é um recurso muito bem investido no país, e apresenta uma ótima eficácia comparando-se aos custos de implantação nas regiões. O impacto das vacinas se manifesta através das milhares de mortes que são evitadas por ano através deste simples ato. Porém, a vacina não é aceita por toda a população, e à medida que novas vacinas vêm sendo elaboradas, as dúvidas a respeito da segurança e da imprescindibilidade das vacinas só aumentam, isso não só entre a população, mas também entre os profissionais da saúde (MIZUTA et al., 2018).

Algumas pessoas optam pela não vacinação e acabam influenciando mais pessoas a abdicarem desse recurso, e dessa forma o plano vacinal vai perdendo cada vez mais força, pois a imunidade de todo um grupo é comprometida. A consequência que esse ato pode gerar, é o aumento de surtos endêmicos, principalmente de infecções nessas populações descobertas. Esse fato é evidenciado através do aumento de casos de coqueluche desde o ano de 1970 em vários países, o que mostra um desequilíbrio no processo, uma vez que a doença pode ser evitada pela vacinação correta da população (APS et al., 2018).

Existem grupos de pessoas que participam do movimento antivacinação, essa quantidade de pessoas pode ser pequena, mas pode comprometer o sucesso do programa nacional de imunização. Essa ação pode ser representada pela campanha virtual nas redes sociais, realizada por esse grupo de pessoas trazendo inverdades a respeito dos efeitos causados pela vacina HPV (papiloma vírus humano) e nos casos da associação da vacina da rubéola ao nascimento de crianças com microcefalia que são infectadas pelo Zika Vírus. As informações anteriormente citadas foram desmentidas, porém a campanha de vacinação perdeu a credibilidade com algumas pessoas (MIZUTA et al., 2018).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio dos dados obtidos no DATASUS nos anos de 2017, 2018 e parciais de 2019, verificou-se baixas taxas de cobertura vacinal, o que pode estar ocasionando o ressurgimento de doenças que estavam praticamente erradicadas, promovendo a perda da integralidade da saúde em

diversas regiões. Logo são necessárias campanhas de conscientização da importância e benefícios oferecidos pela vacinação, devendo ser intermediadas pela Secretaria de Saúde da área em nível municipal e pelo Ministério da Saúde em nível nacional.

## REFERÊNCIAS

APS, L. R. M. M.; PIANTOLA, M. A. F.; PEREIRA, S. A.; CASTRO, J. T.; SANTOS, F. A. O.; FERREIRA, L. C. S. Eventos adversos de vacinas e as consequências da não vacinação: uma análise crítica. **Revista de Saúde Pública**, v. 52, n.40, 2018.

BRASIL. Brasília (DF). **Calendário Nacional de Vacinação**, v.1, n.1, 2014.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

LEVI G. C.; KALLÁS, E. G.; Varíola, sua prevenção vacinal e ameaça como agente de bioterrorismo. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v.48, n.4, p.257-62, 2002.

MILLER, E. R.; MORO, P. L.; CANO, M.; SHIMABUKURO, T. T. Deaths following vaccination. **What does the evidence show? Vaccine**, v.33, n.29, p.3288-92, 2015.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR), SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE. Programa Nacional de Imunizações: aspectos históricos dos calendários de vacinação e avanços dos indicadores de coberturas vacinais, no período de 1980 a 2013. **Bol Epidemiol**, v.46, n.30, p.1-13, 2015.

MORAES, L. R. M.; PIANTOLA, M. A. F.; PEREIRA, S. A.; CASTRO, J. T. D.; SANTOS, F. A. O.; FERREIRA, L. C. S. Eventos adversos de vacinas e as consequências da não vacinação: uma análise crítica. **Revista de Saúde Pública**, v.52, p.1-13, 2018.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. H. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, v. 15, p. 16, 2010.

MIZUTA, A. H.; SUCCI, G. D. M.; MONTALLI, V. A. M.; SUCCI, R. C. M. Percepções acerca da importância das vacinas e da recusa vacinal numa escola de medicina. **Revista Paulista de Pediatria**, v.37, n.1, 2019.

ZORZETTO, R. As razões da queda na vacinação. **Pesquisa FAPESP**, v. 270, n.4, 2018.

---

Recebido em: 30 de Maio de 2019

Aceito em: 01 de Julho de 2019

<sup>1</sup> Faculdade Vale do Salgado-FVS. E-mail: biafdantas@icloud.com

<sup>2</sup> Faculdade Vale do Salgado-FVS. E-mail: rayanne\_mathias@hotmail.com

<sup>3</sup> Faculdade Vale do Salgado-FVS. E-mail: thaliaarraiss0@gmail.com

<sup>4</sup> Faculdade Vale do Salgado-FVS. E-mail: georgyxavier@bol.com.br

<sup>5</sup> Faculdade Vale do Salgado-FVS. E-mail: kerma@fvs.edu.br